

O TEMPO E A ESPERA, DE PEDRO CASALDÁLIGA (2022): DEUS, HOMEM, NATUREZA E POESIA NO NORTE ARAGUAIA (MT-BRASIL)

O TEMPO E A ESPERA, BY PEDRO CASALDÁLIGA (2022): GOD, MAN, NATURE AND POETRY IN NORTHERN-ARAGUAIA (MT-BRAZIL)

O TEMPO E A ESPERA, DE PEDRO CASALDÁLIGA (2022): DIOS, HOMBRE, NATURALEZA Y POESÍA EN NORTE ARAGUAIA

VINÍCIUS CARVALHO PEREIRA*

Livro resenhado: CASALDÁLIGA, Pedro. *O tempo e a espera*. Tradução Pedro Nepomuceno. Cuiabá: Entrelinhas, 2022. (Título original: *El tempo y la espera*)

Financiado com recursos do Edital de Seleção Pública no 04/2020/SECEL/MT – Conexão Mestres da Cultura, o projeto de publicação da coletânea *Pedro Casaldáliga, in Memoriam*, vem nos últimos dois anos realizando uma série de importantes ações para a divulgação da vida e obra do poeta catalão, falecido em 2020. Engajado em causas sociais na região de São Félix do Araguaia – MT, onde foi ordenado bispo da prelazia local em 1971, o religioso também se dedicou à escrita poética, sendo os temas do divino, da justiça social, da natureza e da linguagem recorrentes em seus textos.

Em larga medida até hoje inéditos no Brasil, os poemas de Casaldáliga estão sendo publicados pelo projeto *Pedro Casaldáliga, in Memoriam* em três volumes bilíngues, traduzidos pelo premiado Eric Nepomuceno. Ordenados segundo a cronologia de publicação dos

* Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. E-mail: viniciuscarpe@gmail.com Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1844-8084>

originais em espanhol, os tomos a que se dedica o projeto são: *Palabra ungida*, de 1955; *Fuego y ceniza al viento: Antología espiritual*, de 1984; e *El tiempo y la espera*, de 1986.

Este último, em sua versão publicada em 2022 pela editora mato-grossense Entrelinhas, é o objeto de análise da presente resenha. Com 223 páginas, prefácio de Pedro Tierra e prólogo de José Maria Valverde, *O tempo e a espera* é composto de três seções: “Sonetos”, “Salmos de vigília” e “Canto raso”, totalizando 88 poemas.

Em sua apresentação à coleção, Nepomuceno nos apresenta um pouco mais sobre o contexto da produção de Casaldáliga ao revelar a inusitada situação em que pela primeira vez ouvira falar do sacerdote escritor: quando, em plena ditadura militar no Brasil, foi solicitado a “contrabandar” um livro do autor para a Espanha. Pelo teor de sua obra engajada, pautada pela ética da Teologia da Libertação, Casaldáliga foi acusado de agitador comunista pelo regime ditatorial e ameaçado de morte e perseguido por poderes locais do Norte de Mato Grosso. A militância do bispo, recorrente em seus escritos literários e não literários, é tema comum em sua fortuna crítica, de que se destaca *Pedro Casaldáliga e a poética de emancipação*, de autoria de duas pesquisadoras à frente do projeto *Pedro Casaldáliga, in Memoriam*: Marinete Luzia Francisca de Souza e Célia Maria Domingues da Rocha Reis.

Analisando o título de *O tempo e a espera*, as pesquisadoras afirmam tratar-se de uma referência ao “modo como o homem retratado se coloca no tempo, histórico e poético, antropológico e religioso, mítico e real” (SOUZA; REIS, 2014, p. 21). Tal interpretação se coaduna com a leitura da obra que José Maria Valverde faz em seu prólogo, identificando como linhas mestras da poesia de Casaldáliga o amor a Deus e o amor ao próximo, e destacando que, nos textos do sacerdote, a busca pelo divino não se dá pela recusa ao mundo da matéria, e sim como combate à exploração capitalista. Nessa lida com a palavra como luta e louvor, Casaldáliga mantém sempre um compromisso de respeito com a poesia, fazendo-a engajada, mas não panfletária; religiosa, mas não homilia,

conforme afirmações do próprio sacerdote recuperadas por Pedro Tierra em seu acurado prefácio a *O tempo e a espera*, marcado pelo tom afetoso com que Tierra descreve suas reminiscências do amigo.

“Identidade” (CASALDÁLIGA, 2022, p. 52), poema que abre a seção “Sonetos” de *O tempo e a espera*, sintetiza bem esse uso da palavra poética para simultâneo encontro com o divino e com o humano, revelando um eu lírico que constitui sua própria identidade por meio da conexão com a alteridade celeste, na figura de Jesus, e com a alteridade terrena, nas “mãos populares”. Estas tecem a toalha do altar em que o sacerdote oferece o pão e o vinho, participando, pois, ativamente junto ao religioso na transubstanciação do alimento do corpo em alimento da alma, no rito dominical, mas também na transmutação da palavra comum em verbo (e Verbo) poético.

Identidade

Se não sabem quem sou. Se ficam desconcertados
pelo amálgama de amores que cultivo:
uma flor para o Chê, o bosque inteiro
para o Deus de Jesus. Se me desvio

por abençoar uma cerca de arame farpado aberta
e o mito de uma aldeia redivivo.
Se peço a Deus pela Nicarágua alerta,
por este Continente ainda cativo.

Se ofereço o Pão e o Vinho em meus altares
sobre uma toalha tecida por mãos populares...
Saibam: do Povo eu venho, ao Reino vou.

Tenham em mim um latino-americano irmão,
me considerem simplesmente cristão,
se creem em mim e não sabem quem sou!
(CASALDÁLIGA, 2022, p. 52)

No soneto, a eucaristia é encontro com Jesus e com Che, metonímias da partilha da vida espiritual e da vida social e política, respectivamente, com os demais latino-americanos com que se irmana a voz poética. O rito cristão ganha, assim, dimensão maior do que a reencenação da última ceia de Cristo, transcendendo o espaço da Igreja para ser revivido nos espaços onde o povo está, na luta pela terra que deixa “uma cerca de arame farpado aberta/e o mito de uma aldeia redivivo”.

Ao final de uma longa sequência de frases encabeçadas pelo conectivo “se”, marcador de uma série de condições que o eu lírico enumera como possíveis contra-argumentos que o desabonassem enquanto sacerdote heterodoxo, apresenta-se a justificativa para o projeto ético de Casaldáliga: “do Povo eu venho, ao Reino vou”. No evidente paralelismo da sentença algo aforística, resta patente a equivalência entre o Povo e o Reino, ambos grafados com inicial maiúscula e posicionados sintaticamente como a origem e o fim, o alfa e o ômega, do poeta ativista e do poeta religioso.

Tal amor por Deus e pelo homem ecoa em diversos outros poemas do volume, em tropos comuns à poesia sacra, como o da *jornada* – “Perseguido o Reino diferente,/ vou amando as coisas e as gentes,/ cidadão de tudo e estrangeiro”, no soneto “No êxodo” (p. 54); o do *acerto de contas ao fim da vida* – “Não pagarei minhas dívidas; não me cobres./ Se não soube achar-te sempre em todos,/ nunca deixei de te amar nos mais pobres”, no soneto “Não Te neguei” (p. 62); e o da *espera por um evento messiânico* – “porque aprendi a esperar na contramão/ de tanta decepção: eu juro, irmão,/ que espero tanto vê-Lo quanto ver-te”, no soneto “Espere-me também” (p. 78).

A convergência entre o amor a Deus e o amor ao próximo também se manifesta, em *O tempo e a espera*, nos poemas de louvor à natureza e à terra – faces do divino em que faz sua morada o homem. Nesses textos, subjaz a metáfora de que a natureza é o Verbo feito escritura (SANTOS, 2016), como se vê no soneto “Carta de navegar”, e em sua referência à paisagem fluvial do Norte e do Centro-Oeste brasileiro.

Carta de navegar

(Pelo Tocantins amazônico)

“Ler as águas” será sempre um sonho
maior que meus estudos. Não consigo
ler-me por baixo, ser-me dono,
e tê-las todas, ao mesmo tempo, comigo.

Flutuam sombras em mim, madeiras mortas.
Mas a estrela nasce sem reproche
sobre as mãos deste menino, peritas,
que conquistam as águas e a noite.

Há de me bastar saber que Tu sabes de mim
inteiro, desde antes dos meus dias;
que em Ti vou sendo a verdade que faço;

que pusestes em meus tesouros e minhas chaves
Teus luminosos olhos como vigias
e que és meu Caminho de Santiago!
(CASALDÁLIGA, 2022, p. 64)

Partindo da ambiguidade do substantivo “carta”, que pode designar tanto uma epístola quanto um dispositivo náutico, a “carta de navegar” aludida no título é o traçado do rio Tocantins que não se dá a ler imediatamente. O eu lírico, desejoso de ler o rio e de ler a si, defronta-se com matérias mortas em flutuação, as quais obstruem a leitura, como sombras, mas só até que sejam iluminadas pela luz das estrelas: os “luminosos olhos como vigias” que o eu lírico atribui a Deus, seu interlocutor em vários poemas do livro.

Nesse ponto, mais uma vez nos defrontamos com uma estrutura paralelística entre o humano e o divino, mas não mais no nível sintagmático, qual no verso do primeiro terceto de “Identidade”. Em vez disso, o paralelismo aqui se estabelece no eixo do paradigma, por meio do acarretamento semântico de “Teus olhos luminosos como vigias”. Afinal, se é pela visão que o eu lírico reconhece nas estrelas os olhos de

Deus, é ele também um homem que vigia a criação, perscrutando o céu e o rio para sua leitura da natureza, do mesmo modo que esta o observa com os “luminosos olhos” divinos. Olhar e ser olhado são as duas faces indissociáveis de uma poética da alteridade e do encontro, em que o humano, o divino e o natural se equacionam.

Imagens e referências geográficas semelhantes pontuam outros poemas de *O tempo e a espera*, a exemplo de “Como um rio” (p. 70) e sua alusão toponímica ao Rio das Mortes, que cruza a região do Norte Araguaia; e “Gratuidade”, que opõe a decadência do espaço urbano à abundância e pureza do rio Araguaia (p. 80). Somam-se a esses outros índices locativos ao longo do livro, como nomes de cidades do Centro-Oeste brasileiro, a exemplo de São Félix, em “De Hipona a São Félix” (p. 144), e menções à América Latina e à Nicarágua, sobretudo em poemas que tematizam a expropriação de povos oprimidos, como “Por esse simples fato de ser também bispo” (p. 140) e “América Latina” (p. 146).

Uma série de outros textos de *Tempo e Espera*, sobretudo na seção “Canto raso”, expandem a ideia de natureza como escritura para uma reflexão metapoética sobre o que pode a palavra de todo homem, seja artista, pregador ou ativista. O poder da linguagem, na mundivisão de Casaldáliga, é tal que não apenas pode descrever o mundo, senão também o criar, como nos versos de “A rosa”: “A rosa é ela./ E, no entanto,/ somente é a rosa/ se cantada por nós” (p. 160). Nessa toada, o eu lírico mostra que todo homem, ao falar, é demiurgo como Deus, dotado de uma centelha do Criador que institui o existente por meio do Verbo:

Dizer assim

Dizer a marcha e seu sentido,
o futuro e o vivido,
dizer a voz e a canção,
dizer as coisas como são,
o Tempo escuro e redimido...
não por ofício, por paixão!
(CASALDÁLIGA, 2022, p. 162)

No caso específico do poeta, o dizer ganha, no entanto, novas dimensões, tanto éticas quanto estéticas, dado que sua lida com a palavra é conduzida “não [apenas] por ofício, [mas] por paixão”. Esta, cumpre ressaltar, baliza não só seus metapoemas, a que se somam “Palavra guarani” (p. 168), “Um poema” (p. 176) e “Palavra de caminhante” (p. 182), mas segue como uma onda que se espalha por todas as páginas de *O tempo e a espera*, unindo as imagens de Deus, homem, terra e poesia, como bem fez o poeta sacerdote em sua vida e obra.

O interessado em poesia religiosa, poesia e sociedade, poesia amazônica ou mato-grossense saberá fazer boa leitura de *O tempo e a espera*, bem como dos demais livros que o projeto *Pedro Casaldáliga, in Memoriam* ora apresenta traduzidos para o público brasileiro. Ver os textos de Casaldáliga atingindo novos leitores é ter reafirmada a crença no poder da poesia, como palavra inspirada e inspiradora, ao espalhar a mensagem de libertação e comunhão a que dedicou sua vida o poeta sacerdote.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Michael Jhonatan Sousa. *Natureza e cultura na poesia de Pedro Casaldáliga*. 2016. 148 f. Orientadora: Célia Maria Domingues da Rocha Reis. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Instituto de Linguagens. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

SOUZA, Marinete Luzia Francisca de; REIS, Célia Maria Domingues da Rocha. *Pedro Casaldáliga e a poética da emancipação*. Cuiabá: EdUFMT, 2014.

Submetido em 13 de janeiro de 2022

Aceito em 20 de abril de 2022

Publicado em 29 de maio de 2022
